



OITAVAS DE FINAL



Espinha dorsal da defesa de Carlo Ancelotti, os veteranos Casemiro, Marquinho, Danilo e Alisson colecionam falhas que não podem ser repetidas contra a Noruega

Sem margem para mais erros

MARCOS PAULO LIMA
VÍCTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Lars Baron/AFP



Casemiro (de colete roxo) faz aquecimento entre Marquinho (E) e Danilo, antes do jogo com o Japão: veteranos têm a confiança de Ancelotti

Nova Jersey — A experiência é um diferencial, mas não imuniza. Marquinhos, Danilo, Casemiro e Alisson que o digam. A Copa do Mundo costuma expor até mesmo os jogadores mais acostumados a decisões. Veteranos das campanhas brasileiras em 2018 e 2022, eles chegaram aos Estados Unidos como a espinha dorsal da Seleção de Carlo Ancelotti. Curiosamente, também protagonizaram alguns dos erros individuais mais marcantes da caminhada rumo às oitavas de final.

Os deslizes apareceram em momentos distintos. No último amistoso antes da estreia na Copa do Mundo, Marquinhos comprometeu a saída de bola que originou o gol do Egito. Não fosse o brasileiro Endrick, o empate teria aumentado a pressão na véspera do torneio.

Bancado por Carlo Ancelotti após ficar fora de todas as convocações de Dorival Júnior, Casemiro também oscilou. Esteve abaixo do esperado contra Marrocos e Japão, acumulou perdas de posse e, em alguns momentos, pareceu jogar em ritmo inferior ao da partida. Bastou, porém, uma bola parada para justificar a confiança do treinador. O volante marcou de cabeça o gol do empate diante dos japoneses e manteve uma escrita: com ele em campo, o Brasil jamais perdeu no tempo regulamentar sob o comando do italiano, agora em 12 partidas.

“Casemiro é um líder, ninguém no campo pode jogar na posição dele, é realmente importante. Ele atuou muito bem e, no gol de empate, foi chave para o jogo”, destacou Ancelotti.

A trajetória de Danilo na Copa ilustra bem esse paradoxo. Primeiro jogador assegurado na convocação, o defensor ganhou a vaga após a atuação insegura de Ibañez na estreia contra Marrocos e rapidamente devolveu estabilidade ao setor. Foi um dos destaques defensivos nas vitórias sobre Haiti e Escócia e

fazia outra partida segura diante do Japão. Bastou, porém, um excesso de confiança para mudar a percepção. Ao tentar forçar um passe na saída de bola, iniciou o contra-ataque que culminou no gol japonês e recolocou o veterano na lista de jogadores experientes castigados por um erro individual. Dá sinais de que não é mais um lateral-direito de fato. Está mais para zagueiro.

“É um jogador muito importante. Não só no campo, mas também fora. Danilo é seguro de estar na lista final, porque eu gosto dele como caráter, como personalidade, como jogador. Pode fazer todas as posições atrás. Então, entre os nove defensores, estará Danilo”, revelou Ancelotti, em 30 de março.

Altos e baixos

Titular da Seleção pela terceira Copa do Mundo consecutiva, repetindo um feito alcançado apenas por Gilmar e Taffarel, o goleiro estreou na Copa dando sinais de que faria o torneio da vida. Foi decisivo na vitória sobre o Haiti, com pelo menos três defesas providenciais, e transmitiu a segurança esperada de um dos líderes do elenco. Até que o Japão resgatou um trauma. O chute rasteiro no canto direito, sem chances de defesa, lembrou o gol marcado por Kevin De Bruyne nas quartas de final de 2018, na Rússia. A imagem reforçou como, em Copas do Mundo, um único lance é capaz de reabrir lembranças que pareciam enterradas.

A partir de agora, a margem para erros desaparece. É natural que jovens como Rayan e Endrick convivam com oscilações em uma primeira Copa do Mundo. Dos veteranos, espera-se justamente o contrário: serenidade para impedir que um erro individual comprometa o coletivo. Contra a Noruega, qualquer vacilo tende a custar caro.

Do outro lado estará um dos ataques mais letais do torneio, liderado pela força de Erling Haaland, pelo oportunismo de Alexander Sørloth e pela capacidade de Martin Odegaard transformar um simples passe na assistência decisiva. Em mata-mata de Copa, a experiência deixa de ser currículo e passa a ser responsabilidade.

UMA PERGUNTA A TRÊS CAMPEÕES MUNDIAIS

Você é a favor ou contra a pausa para hidratação na Copa?

“Eu não tenho dúvida de que, com certeza, foi muito importante. O jogador descansa mais, principalmente nessa época aqui nos EUA, que é um calor insuportável... Nós fomos campeões mundiais aqui, e eu sei que é muito calor. E agora não, você tem essa pausa para você hidratar os jogadores, dar aquela descansada. Isso para o atleta é muito importante”



Bebeto, campeão em 1994

“Na minha época, não tinha! Se tivesse a pausa, a gente arrumava durante o jogo muitas situações que, de repente, mudariam a intensidade do jogo ou (dariam oportunidade de) o treinador conversar com os jogadores, posicionar o time. Essa parada de três minutos tem que ser vista como um exemplo, e é bom para o jogador poder dar aquela respirada e voltar a acelerar o jogo. Para mim, está sendo perfeita essa parada”



Roberto Carlos, campeão em 2002

“Nossa, ajuda e muito. Esses três minutos que você tem para a hidratação são fundamentais. Se nós, na nossa época, tivéssemos essa tecnologia do VAR, tivéssemos o tempo para a hidratação, ao invés de correr 20km por jogo eu correria 25. Porque eu teria mais gás, estaria mais descansado, o corpo estaria melhor. Todas as mudanças que têm no futebol são ótimas, desde que tragam benefícios aos atletas e a todo mundo que está vendo o jogo”



Cafu, campeão em 2002

Rayan e Endrick mostram que o futuro já começou

Nova Jersey — Carlo Ancelotti decidiu antecipar o futuro da Seleção Brasileira. Tem confiado minutos preciosos a Rayan e Endrick, os dois jogadores sub-20 entre os 26 convocados para a Copa do Mundo. É uma ousadia rara. Desde 1966, quando Vicente Feola apostou no então garoto Tostão no Mundial da Inglaterra, o Brasil não depositava tanta confiança em atacantes tão jovens. Nem mesmo Dunga, em 2010, teve coragem de levar Neymar e Paulo Henrique Ganso, protagonistas do Santos. A confiança, porém, veio acompanhada de uma exigência. Antes dos gols, Rayan e Endrick precisaram aprender a colocar o talento a serviço da equipe.

O caso de Rayan é o mais emblemático. No Vasco e, agora, no Burnemouth, o atacante construiu a reputação pela velocidade, pelos dribles e pela capacidade de acelerar transições. Na Seleção, porém, Ancelotti encontrou outra utilidade para o jovem justamente quando perdeu Raphinha por lesão. Revelado em São Januário, Rayan virou um ponta solitário. Mais do que atacar, passou a proteger o corredor direito e oferecer cobertura constante a Danilo. Contra o Japão, foi justamente essa característica que apareceu no lance decisivo da classificação. Depois da pressão exercida por Endrick, roubou a bola no campo de ataque e iniciou a jogada concluída por Gabriel Martinelli nos acréscimos.

A estreia como titular, diante da Escócia, explica por que segue prestigiado. Foram cinco desarmes, número inferior apenas aos de Casemiro (6) e Gabriel Magalhães (8). O desempenho materializa uma das principais ideias



Jamel Samad/AFP

O brasileiro Endrick, xodó da torcida brasileira, pode ter a primeira chance entre os titulares no domingo

de Carlo Ancelotti. Para o italiano, talento, sozinho, não sustenta uma candidatura ao título mundial.

“O talento marca a diferença, porque nunca vi equipe que não tem talento ganhar. Temos que construir uma estrutura de jogo na qual o talento esteja a serviço da equipe. Quero jogadores que queiram ganhar a Copa do Mundo. Essa também é a diferença entre um grande jogador e um líder. O líder coloca o talento a serviço da equipe”, resumiu o treinador. Rayan entendeu rapidamente o recado.

Endrick percorreu caminho semelhante. Conhecido pela capacidade de decidir jogos com gols,

descobriu que, na Seleção, um atacante também pode ser determinante sem balançar as redes. Contra o Japão, foi dele a pressão sobre a saída de bola que forçou o erro adversário e permitiu a recuperação de Rayan. Na sequência, Bruno Guimarães encontrou Gabriel Martinelli para marcar o gol da classificação. Uma jogada que não aparece na ficha técnica do camisa 19, mas sintetiza exatamente o tipo de protagonismo valorizado por Carlo Ancelotti.

A lesão de Lucas Paquetá abre caminho para um novo capítulo. Endrick desponta como um dos principais candidatos à vaga no

domingo e pode ganhar a primeira oportunidade como titular em um mata-mata de Copa. Ancelotti deixou claro que enxerga no atacante características diferentes das do meia. “Precisamos colocar mais força na área. Endrick oferece essa presença. Fez um jogo muito bom porque foi intenso e perigoso”, justificou após a classificação sobre o Japão.

Caso opte pelo jovem, o desenho tático retorna ao 4-2-4 com quatro atacantes. Se optar pelo meio mais equilibrado, Danilo Santos deve herdar a vaga de Paquetá para fazer o 4-3-3. Ederson e Fabinho não estão descartados. **(MPL e VP)**

DRIBLE DE CORPO NA COPA



Marcos Paulo Lima

Odegaard: o craque que Ancelotti lançou

New Jersey — O duelo entre Brasil e Noruega reserva um encontro curioso. De um lado, Carlo Ancelotti. Do outro, Martin Odegaard, líder de assistências da Noruega na Copa, com três, incluindo o passe para o primeiro gol na vitória por 2 x 1 contra a Costa do Marfim. A história dos dois começou muitos anos antes da partida do próximo domingo.

Em 2015, foi o treinador italiano quem entregou ao garoto norueguês a primeira oportunidade no elenco principal do Real Madrid. Aos 16 anos, o meia desembarcava na Espanha cercado por uma expectativa desproporcional até para um prodígio. Tratava-se de um dos adolescentes mais observados do planeta.

A fama havia chegado cedo. Aos 15 anos, atuava na primeira divisão da Noruega pelo Stromsgodset. Antes de completar 16, estreou na seleção principal. Clubes de toda a Europa enviavam observadores a Drammen para acompanhar aquele jovem capaz de enxergar espaços invisíveis para a maioria dos jogadores da mesma idade. O sonho, porém, transformou-se em uma longa travessia. O talento escandinavo passou anos à procura de espaço. Acumulou empréstimos, mudou de país, adaptou-se a diferentes estilos de jogo e viu a promessa conviver com a dúvida.

A análise apressada costuma tratar esse período como uma decepção, mas ignora um detalhe fundamental. Odegaard não disputava posição com jogadores comuns. À frente dele estavam Modric, Kroos e Casemiro, um dos trios de meio-campo mais vitoriosos da história do futebol europeu. O desafio do norueguês era muito mais complexo do que a simples comparação entre expectativa e realidade.

Ancelotti jamais foi adversário nessa caminhada. Quando retornou ao clube, em 2021, manifestou o desejo de aproveitar o meia. O problema era que, depois de tantas idas e vindas, o jogador não buscava mais uma oportunidade. Precisava de um projeto.

A passagem pela Real Sociedad foi decisiva para essa mudança de percepção. Pela primeira vez, o futebol europeu enxergava não apenas um fenômeno de marketing ou uma aposta para o futuro, mas um articulador capaz de decidir partidas em alto nível. O garoto-prodígio começava a dar lugar ao jogador pronto. Foi, então, que surgiu Mikel Arteta. Se Ancelotti apresentou Odegaard ao futebol de elite, o treinador espanhol lhe ofereceu uma identidade. No Arsenal, encontrou minutos, confiança e responsabilidades. E, mais importante, liberdade para comandar. De promessa itinerante, tornou-se líder.

Há uma ironia elegante no reencontro entre Ancelotti e Odegaard. Quando o italiano lançou o norueguês no Real Madrid, Vinicius Jr. ainda era uma promessa das categorias de base do Flamengo, e Casemiro integrava o lendário meio-campo merengue. Agora, o volante brasileiro terá a missão de reduzir os espaços do craque norueguês